



Director literario:
Alfredo Pimenta
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Malta
PAPUSSE

A
F
I
T
A
d
o



C
H
A
R
L
O
T

POR GRACIETTE BRANCO
DESENHO DE EDUARDO MALTA

— O' Zé!
O' Ruy!
— Que é?
— Vocês sabem que eu fui
ao Cine, mais a Né?
— Ah! Foste? Quero ouvir!
Conta o que se passou!...
{ Foram fitas p'ra rir?
— Foi uma, do Charlot,
— Conta, conta, Tóto
O' Zé! anda daí!

Anda daí ouvir
a fita do Charlot!
— Silêncio. Vou dizer;
— O «tipo» era «chauffeur».
Andava perseguido
por um grande bandido
que trazia uma faca
em uma certa saca
assim...

(Continua na página 6)

OS DOIS BONS AMIGOS

POR MARIA BRANCO
Desenhos de Eduardo Malta



VIVIAM ambos na mesma linda quinta, lá em cima no outeiro, rodeada por pinheiros e eucaliptos. Da mesma idade, e filhos únicos, uniram-se desde pequeninos nas suas brincadeiras infantis. Como possuíam pernas fortes e belos corpos, ágeis e robustos, era ver qual deles mais pulava e corria por essa mata fora, e pela várzea além.

Traquinias até mais não, eram incapazes duma mentira ou duma crueldade.

Luis, filho dos donos da casa, transmitira a António a sua delicada educação, mas certo era que ele havia aprendido do filho do caseiro a dignidade humilde dos pobres.

Eram, enfim, grandes amigos e juntos subiam às árvores, não para roubar os ninhos, antes para ali deixarem mãos cheias de migalhas e guloseimas que do solar lhes vinha para o lanch.

Entretinham-se com a faina trabalhosa dos insectos e as formigas e as abelhas olha-los-hiam às vezes, através dos grandes olhos facetados, como a dois deusinhos maravilhosos, perante os grãos e o açúcar que eles lhes ofereciam.

Encantavam-se com o colorido da bicharada.

Quantas correrias atrás de algum bésouro reluzente ou borboleta pintalgada.

Se conseguiam agarrá-los, era para, num minuto de admiração, os verem levantar vô das palmas de suas mãos.

Sem possuírem muitos brinquedos, pois qualquer nada os distraía, não conheciam o aborrecimento e viviam venturosamente despreocupados.

Todavia um dia veio em que Luis e António disseram adeus à brincadeira de todo o dia, à suprema liberdade da sua existência.

Era preciso aprender a ler. E mal o outono rondou, quando já as árvores estavam amarelecidas e as borboletas eram raras, os dois pequenitos entraram a par na aula do sr. Mestre de aldeia, ruivo, de olhos pequeninos mas ossudo e alto.

Ensinava, juntando à sua volta a dúzia e meia (se tanto) dos rapazitos, e a um e um ia perguntando as letras que

apontava com o enorme ponteiro, do abecedário que, em grandes caracteres, baloiçava numa das paredes da aula.

Quando algum não respondia imediatamente, olhava-o despresador e entregava a palmatória àquele que mais depressa o emendava.

Zás, trás, zás, trás! Estalava no ar o som cavo das pal-



matoadas. Gargalhada geral, ímpetos de vingança do castigado e impertubável o senhor Mestre continuava a lição.

Luis e António irritavam-se contra tal procedimento mas, como eram muito bem educados, calavam consigo o que eles julgavam poder ser uma ofensa ao respeito devido ao professor.

Uma tarde de primavera o sr. Mestre interrogava a taboada.

Luis e António tinham-na toda na ponta da língua — emendaram os condiscipulos.

O mestre estendeu-lhe «as meninas de cinco olhos» ordenando-lhes: «três palmateadas a cada um».

Os dois amigos entreolharam-se perplexos, fizeram-se vermelhos até à raiz dos cabelos.

Com uma franqueza espontânea, o António respondeu: — «Desculpe-nos sr. professor mas nós não lhe podemos obedecer».

Duas lágrimas puras, bailavam nos olhitos do Luis.

O mestre examina a pequenada.

Dum lado, como rebanho assustado, o rapazião dá alicia.

Do outro, contrafeitos, Luis e António.

O sr. professor sente que o invade uma estranha ternura.

Entretanto consegue dominar-se.

— «Então, castigo-os eu» retorquiu por fim,

Zás e trás, zás e trás, zás e trás!

A palmatoada dança a sua roda.

Luis e António esperavam corajosos a sua vez.

Quando nobremente estendiam as mãos rosadas o mestre fixa-os e, comovido, acaba por os abraçar.

Toca a sineta para a saída.

No largo, a garotada folga mais ruidosamente e os dois companheiros guardavam em suas almas uma suave recordação a mais.

No caminho depararam com o boieiro da quinta que os esperava.

— «Valhe-me Deus, menino Luis», gemia o homem desesperadamente.

— Que tens Manoel?»

— Fui ontem à vila vender um bezerro, mas o demónio ece-as e, em lugar de voltar para a quinta, fui para a maldita taberna. Bebi e joguei e lá se foi o dinheiro. Quem



há-de aparecer agora na quinta? E o paisinho que me desculpou outro dia assegurando-me que era a última vez.

«Onde irei eu ganhar para a filharada?»

Andando, Luisinho vem pensando, Acode-lhe uma idéia. Tem o seu mealheiro. Quebrá-lo-há em favor d'ele, do pobre boieiro aflito.

— «Não te apoquentes mais. Segue para a quinta e diz a meu pai que me entregaste o dinheiro».

Livre do peso que o atormentava, sem medir as responsabilidades que Luisinho buscava para si, estugou o passo e seguiu, estrada acima, a caminho da propriedade do snr. Monteiro.

Luisinho, com sete anos apenas, depressa esqueceu a scena com o Manoel e a brincar e a cantar chegou finalmente ao solar.

Entrou no seu quartinho cujas paredes eram pintadas com bebês. Abriu, cuidadosamente, a estantezinha clara.

Alinhavam-se ali, meticulosamente apurados, os mais lindos contos de fadas. Ao longe, os livros lembravam soldados perfilados em parada militar.

Numa das prateleiras arrumara o Luís os seus jogos, as suas estampas e o seu mealheiro de barro.

Prometera num dia a sua mãe, quebrá-lo quando fizesse a sua primeira comunhão.

Doia-lhe o coração de ter de faltar a um compromisso. Mas o boieiro?

Depressa o mealheiro foi arremessado ao chão e moedas e notas confundiram-se num monte.

Devem estar aqui os cem escudos.

Contaram devagar, cautelosamente, para não errar.

Decepção! Faltavam ainda vinte escudos.

E agora? Que fazer?

Súbitamente, António sugere.

Também ele possuía uma caixinha-mealheiro.

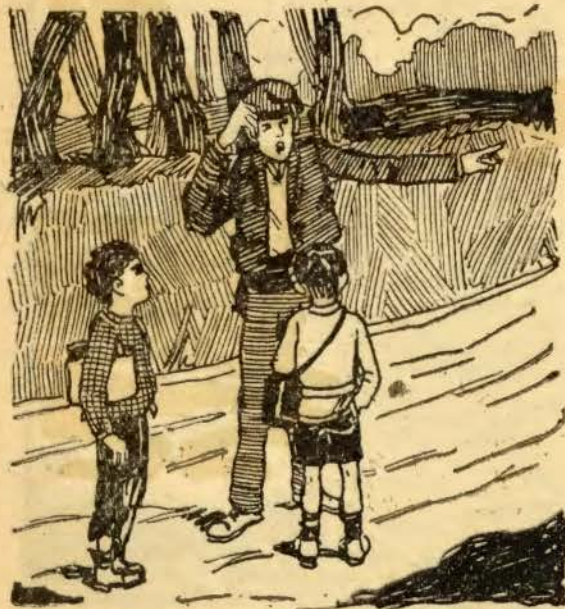
Julgava que possuía uns trinta escudos.

— «Espera-me aqui, Luisinho. Corro a casa e volto já».

Porém a mãe de António, barrou-lhe a porta, beijando-o docemente.

António hesitou. Não tinha pensado em semelhante hipótese. Sua mãe costumava andar àquela hora a tratar das galinhas.

E o snr. Monteiro, que já lá vinha em baixo, ao pé da azenha! Não tardaria meia hora que não chegasse a casa. Que faria o Luís? Mentiria? Falaria verdade? E o pobre boieiro? Os filhinhos sem brã?!
— «Mãe, eu queria estudar» balbuciou António.



A mãe deixou seu filho, enlevada em tanto cuidado. O pai acabara de entrar. A mãe contou-lhe comovidamente as palavras do António.

Espreitaram-no, curiosamente, ternamente.

Desilusão tremenda!

Em lugar do estudo, António tentava arrombar a gaveta do dinheiro.

O pai não se conteve.

Impetuosamente, acercou-se do António e bateu-lhe rijamente, pelas orelhas e cabeça.

— «Velhaco! A roubar os pais» gritou, fóra de si.

A mãe chorava, baixinho.

Seu filho que ela julgara um bom rapaz, que ela adorava, não passava dum garotão, enganando seus pobres pais, que trabalhavam desde o nascer até ao pôr do sol para que ele se tornasse um homem honrado e digno.



Perto, a voz sonora do boieiro resou. «Para aqui castanho»!...

E o pai zurzia ainda o rapazinho.

— «Que é lá isso, ó tio Francisco?» perguntou o Manoel das Vacas.

— E' o mariola do meu filho que apanha uma ensinadela.

— Olha, António, nunca tive pai que me castigasse, por isso sou o infeliz que sabes.

O António esquecerá já as dores e a vergonha. Abeirou-se do Manoel e disse-lhe ao ouvido. «Vê se arranjas vinte escudos que faltam ao Luisinho, senão estás perdido. Vinhaos aqui buscar, à minha caixinha, mas meus pais viram e como não sabem o que te aconteceu, julgam que eu os roubava».

O Manoel das Vacas estremeceu. Tirou o barrete da cabeça, coçou três vezes a moleirinha e, engasgando-se, contou tudo aos pais do António.

Estes mal compreenderam...

Mas a mãe compensou com beijos, as paucadas do pai.

Luisinho à janela contemplava ansiosamente o anoitecer. Sentira já no pátio as botas ferradas do paisinho que voltava dos campos.

O António não aparecia.

Debatia-se em vão, entre a mentira e a denúncia.

Ajoelhou e beijou consoladoramente um crucifixo.

Súbito sua mãe entrou de mansinho.

— «Sabemos tudo, meu anjo! Não te apoquentes mais. O António é quem mais sofreu».

Merece toda a nossá estima. Ele há-de acompanhar-te ao liceu no próximo ano.

E' o nosso prémio pelas suas virtudes.

Sómente merecem uma pequena advertência. As mães, sinhas leem até ao fundo, nos corações dos seus filhos, e estão sempre prontas a ajudá-los nas suas belas acções.

Não tornem a ter segredos para os paisinhos que são os seus melhores amigos.

O snr. Monteiro com o António pela mão, aconchegou no mesmo abraço a mãe e o Luisinho.

F I M



O BERGANTIM DO IRADO

Por PEDRO DE MENEZES

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



o pagem desceu mais uma vez a escadaria de mármore cinzento. Os pavões que costumavam dormir no cimo da torre, manchados de luar, tinham ido num vôo ruidoso pousar sobre o telhado da casa que ficava a meio do bosque, no fim da alameda que conduzia ao palácio.

Sobre almofadas de brocado onde se desenhavam às das mais estranhas aves, dormitava a princesa... As mãos

caídas, os lábios semi-cerrados, um véu branco, muito branco, a encobrir-lhe as faces. Ao sentir os passos leves do pagem:

— Voltas de novo? — disse — que notícias trazes?

— As mesmas, princesa — respondeu, curvando-se, o pequeno pagem, ricamente vestido, de adaga de punho de marfim à cinta.

E após uma pausa:

— O bergatim baloiça-se com toda a serenidade sobre as ondas do mar, tal como no primeiro dia. Fica mesmo em frente da janela mais alta.

A princesa, pensando:

— De quem será o enigmático bergantim? Quem vive dentro d'êle? De que longes praias veiu e qual a causa de tantos dias pairar, ao largo, em frente do meu palácio sem ninguém desembarcar? Porque motivo será que os homens do meu país, que em velozes barcos se teem a êle dirigido para me descobrirem o mistério, voltam vencidos e inquietos? Porque será, que por mais que andem, que o vento lhes empurre as velas, nunca alcançam o famoso bergantim, que parece estar sempre à mesma distância?

— Senhora — balbuciu o pagem — talvez seja apenas um desenho de ouro no azul do céu...

— Um desenho de ouro... — murmurou ela.

Passaram-se minutos. Entrou na sala uma linda aia.

— Princesa — disse — um velho cego, de longas e bem cuidadas barbas brancas, acaba de bater ao portão do parque e pede para falar-vos. E' um desconhecido.

— Que entre, que entre, que tenho medo só.

E depois duma pausa:

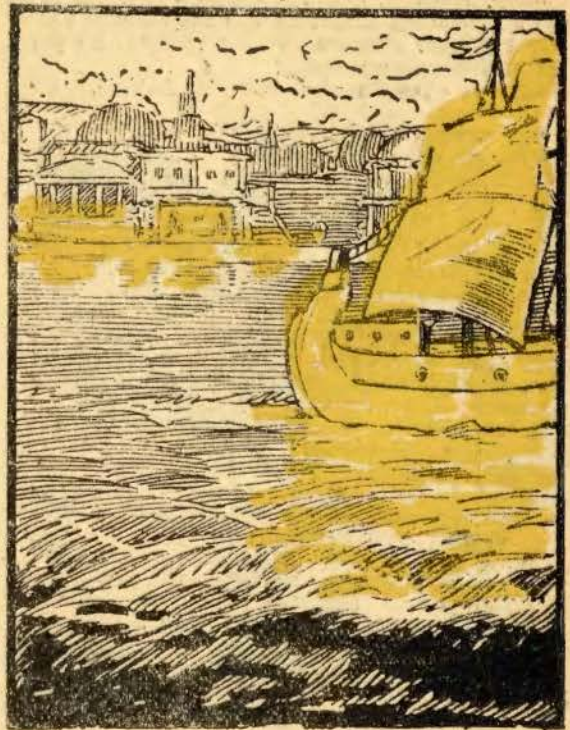
— Já voltaram os meus fieis escudeiros?

— Ainda não, princesa.

Momentos depois, a aia voltava acompanhada do cego.

Era um homem alto e forte, de aspecto simpático, com as pálpebras cerradas, vestindo de negro, guiado apenas por um bordão tão alto como êle.

— Que pretendes dizer-me? — lhe perguntou. — Estendendo a mão direita num gesto trémulo, o cego pediu para ficar só com ela. Saíram o pagem e a aia. Fecharam-se lentamente



as portas de bronze da sala em que se encontravam. Ao saber-se só, o cego abriu os olhos, atirou com o bordão e súbito do velho ficou um elegante cavaleiro, luxuosamente trajado, com uma esmeralda grande na bainha dum punhal que segurava no cinto de cinzelado ouro. A princesa levantou-se, assustada.

— Nada receies, Senhora.



—Nada tenho que recear, desconhecido, porque as àsas que vês nas almofadas que me rodeiam, não são mais do que outras tantas misteriosas mãos que, à minha voz, obedecem e, a um gesto meu, dominam.

Sorriu-se o fingido cego.

—Sou aquele que vive no bergantim doirado que paira no mar, em frente deste palácio e que a vós, princesa, tanto tem preocupado. Venho de longe, duma praia onde as areias são da cor do céu e as águas desfilam rendas de espuma sobre os pequenos rochedos que as cercam. Cada onda que surge é uma mulher que nasce, cada barco que passa é uma vida que parte, cada canção que se ouve é uma alma que tomba. Sou dum país onde não há sol, nem lua, nem estrelas, onde os corpos não tem forma, nem se veem. Ouvem-se e sentem-se apenas. E' o país onde nascem as almas que em barcos como aquele bergantim, que da janela avistas, são conduzidas a um outro país distante, onde há apenas corpos. Cada corpo que nasce, cada alma que chega. E umas são brancas como a cambraia dos teus vestidos e outras são negras como a cor dos teus cabelos. Quando nasce um corpo e se dirige à praia misteriosa onde nasceu, recebe a primeira alma que chega do meu país de enigma e de sonho.

—E a que vindes, senhor?—disse ela trémula e linda.

—Vais ouvir, princesa. Apaixonei-me no país lendário desses corpos que te conto, por uma linda mulher que tem nos lábios o reflexo das papoilas e tem nas mãos a brancura dos lírios que crescem no parque do teu palácio. Caminha leve como um cisne sobre as águas paradas dum lago. Em seus passos, princesa, há um leve bater de àsas de avezinhas inquietas. Nos seus sorrisos, nasce o dia. E, se ergue levemente os braços, numa atitude de reza, sinto que nem todo o luar do teu país, seria tão branco como êles. Adoro-a. Tenho-a nos meus olhos a toda a hora, sendo por isso que fecho as pálpebras e me sinto cego se deixo de a ter junto de mim.

—Mas a que vindes, senhor?—repetiu a princesa cada vez mais assustada.

—Vais sabê-lo já. No meu país não há nem consigo encontrar uma alma que seja tão bela que possa merecer essa mulher. Existe uma só digna dela. E' a tua. Venho buscá-la!

E o desconhecido deu um passo em frente. A princesa re-

recuou assombrada. Na mão do fingido cego brilhou a lâmina dum punhal doirado.

A um gesto dela, porém, correu-se, súbitamente, um pesadão reposteiro, que a separou do desconhecido.

Quando as mãos ansiosas do misterioso recémchegado atastavam o reposteiro para poder passar, a sala estava abandonada. Apenas na janela que dava para o jardim, se desenhava em brilhantes cores num vitral de sonho, uma linda pastorinha que acariciava com as mãos alongadas, uma garça branca, de cujo pescoço pendia um pequenino guiso de marfim.

Passaram-se alguns anos. Não mais se soube do bergantim doirado que, numa antiga manhã, de velas erguidas, se afastou sobre um caminho de espumas para desconhecidas paragens; não mais apareceu a princesa dos cabelos negros; não mais deixou de se ver no vitral da janela, a pastora e a garça e não mais deixaram de chorar as aias e de scismar, debruçado sobre o parapeito da mais alta janela, o pagem entristecido. Numa tarde de outono em que o vento contava, uma a uma, como um louco, as folhas secas que se espalhavam pelos caminhos, chegaram finalmente, ao pátio do palácio, os escudeiros, pelos quais preguntara, havia anos, a inquieta e desaparecida princesa. Cheios de poeira da jornada, envelhecidos pelos anos que poisaram sobre eles desde que tinham partido, os fieis escudeiros ficaram assombrados ao ouvirem das bocas pálidas das aias o que à linda princesa acontecera. E, de repelão, como se o próprio vento os tivesse impellido, abriram as brônzeas portas da sala e, no limiar, pararam boquiabertos. Com o rosto escondido num precioso leque de plumas e de joias, sentada como outrora, a princesa dormitava sobre as almofadas e no vitral da janela, apenas a garça se desenhava com o guiso de marfim que lhe pendia do longo pescoço branco como dedos do luar. As aias, ao vê-la, desmaiaram e o pagem, voltando de novo do seu scismar profundo, chorou de encantamento e de alegria.

—Esperava-vos inquieta e assustada—lhes disse ela—Porque tanto tempo vos levou a vossa jornada perigosa?

Falou o mais velho:

Continua na página 7

Continuação da poesia A FITA DO CHARLOT

... maior que a mim...!

Ora o Charlot,

coitado,
andava atrapalhado!...!
... até fazia dó
Chorava! Não comia!...!

—...! Mas
as

caras — ó Zé!
as caras que fazia!...!

Assim...

olhem pra mim...
assim, desconfiado...!
olhando para o lado...!

como quem diz: — olé!

se esbarro
no marau...

temos «negócio» máu...!

... até escondia o carro
e apagava os faróis...

— E depois? E depois?

— E depois?

Ah! Depois,
depois é que foi bom!...

... Ia

um dia
o Charlot

com gente de bom-tom,
quando surge o ladrão!
(chamava-se êle Frois)

— E depois? E depois?

— O Charlot, de repente,
ao pé daquela gente,
ao pé da multidão,

— zumba...

dá dois
pinotes,

dá quatro piparotes,
e atira o seu «bonet»
que cai — vê lá,

ó Zé!

em cima dum bébé,
de loiros caracóis...

— Ah! Ah! Ah!

E depois?

— Depois... pás... catapumba...
sôco p'ráqui,
pr'ali...

entra no carro... z-z-z —...

ala... «põe-se a mexer»...

— E depois?

— O Frois?

— O Frois
vai a correr,
atira com o «chauffeur»
dum carro que guiava,

emquanto êle se põe
numa corrida brava,
atrás do nosso herói,

... pó-pó-pó — pó-pó-pó...

matando,
atropelando,

a gente que passava...

— Ih! Tótó!

E depois?

— Depois

vêem-se os dois,

a «trinta e nove»... z-z-z...!

lá lo-on-on-onge!... muito á-a-a-além!...

a correr, a voar...

com poeira no ar,

a rebolar

também!...

— Ena, pai! E depois?

— Depois, já sem buzina,
aparecem na esquina,
zut... — um a passar,
e o outro logo atrás

— Zás!

Eh! Zé Braz!

Aquilo é que era andar!...

— E depois?

O tal Frois

agarrou

o Charlot?

— É o agarraste... Pois,
Stava-se mesmo a ver...

Foram mas é os dois,

catrapus,

de chapuz,

resvalar,

rebolar,

num rio

que surgiu,

e onde êles se afundaram!...

— Morreram?!!

— Sei lá!... pois

não consegui saber?

Mal os dois,

o tal Frois

e o pobre do Charlot,

pumba! — caíram lá!

a fita terminou!

— Olha que pena — ó «pás»!

— Pois é!

Lá isso é!...

Caíram — catrapás!

sumiram-se «num ár»...

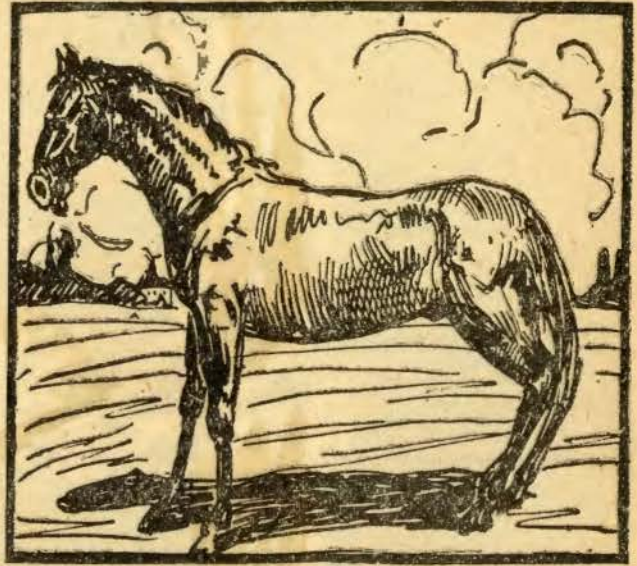
... Mas aquilo — éh! Zé Braz!

Aquilo é que era andar!...

ADIVINHAS



Meus meninos; embora não pareça, 'este pequeno tem outro amiguinho muito próximo. Vejam se o descobrem,



Este cavalo, ainda com pouca idade, já conheceu três donos. Aonde estão eles?

Continuação do conto O BERGANTIM DOIRADO

Em nenhuma das terras que nos foram indicadas, encontramos o alegre som do enfeitado guiso da vossa garça branca. Em nenhuma das terras, Senhora. Aos écos de todos os vales e de todas as montanhas o preguntámos e todos repetiam apenas as nossas perguntas aos outros écos mais longínquos. E nenhum d'êles, nenhum, nos falou d'esse inesquecível som que alegrava, ao tilintar, as alamedas agora entristecidas do parque e as águas rumorejantes da ribeira. Todos os países, ainda os mais distantes, misteriosos e esquecidos, foram visitados por nós; todos os bruxos e todas as fadas fo-

mos consultar e ouvir; às portas de todos os palácios ou choupanas batemos e buscamos informar-nos e nem o mais leve sinal do que procurávamos conseguimos alcançar. Não trazemos o que nos pediste, princesa!

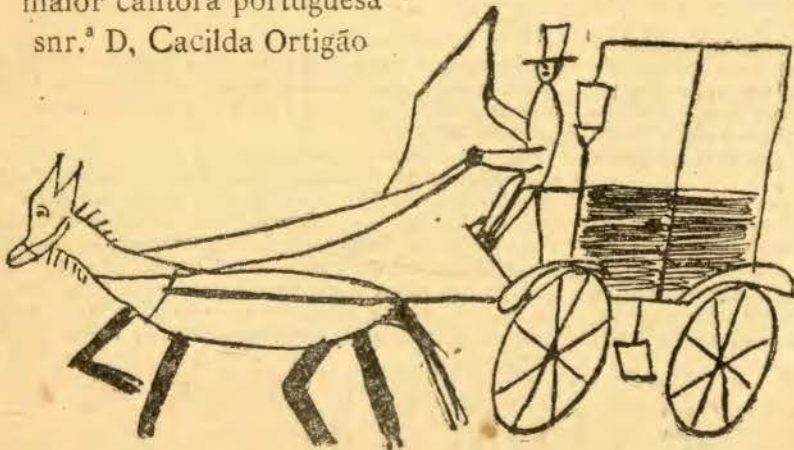
Falou o mais novo:

—E' certo o que acaba de dizer o nosso velho companheiro, Senhora. Deixai, porém, que vos acrescente que, numa noite em que dormíamos, depois duma fatigante jornada, junto duma fonte, num bosque que fica muito longe, quando as fôlhas se arrastavam, gemendo, pelo chão, como hoje tem

(CONTINUA NA PÁGINA 8)

COLABORAÇÃO INFANTIL

Desenho do menino Paulo Ortigão,
de 6 anos de idade, filho da
maior cantora portuguesa
snr.^a D, Cacilda Ortigão





Continuação do conto O BERGANTIM DOIRADO

sucedido, pude compreender que iam contando existir uma capelazinha muito pequena no cimo dum outeiro, na qual se ouvia de noite um pequenino sino cujo som tão alegre e tão belo jámais fôra escutado pelos ouvidos do vento e pelos braços erguidos do arvoredo dormente...

—É onde fica essa capela, escudeiro?

—As folhas mo contaram também: Num país onde as areias são azuis, onde não há nem sol, nem lua, nem estrelas e onde existe um príncipe, que anda doente, num bergantim doirado, pelas águas do mar, em busca duma alma que seja digna do corpo lindo da sua noiva.

A princesa estremeceu. Pensou durante largo tempo. O som daquele guiso misterioso era qualquer coisa da sua própria vida, dos seus próprios sentidos. E' que a sua alegria, era nem mais nem menos do que o tilintar desse guiso. No seu corpo havia apenas Alma. Emudecendo, o guiso misterioso tinha-lhe roubado a sua alegria. O que seria, portanto, a sua vida sem ela? Ergueu-se.

Era tão branca e tão esguia que a sua própria sombra era também branca, tal qual como ela. A sua sombra, enfim, era a alva garça do vitral embruxado. Tudo estava silencioso em seu redor. Falou por fim:

—Ide. Levai todos os barcos, erguei todas as velas do meu principado. Procurai todos os mares e onde quer que encontréis o bergantim doirado, entregai ao comandante esta lâmpada acêsa.

Entregou aos escudeiros uma lâmpada, que brilhava como um rubim encantado.

Os escudeiros partiram. Como um bando de aves sobre as ondas, sobre as águas intranquias do mar, partiram as naus da princesa.

Passados muitos dias, encontraram, finalmente, o bergantim doirado. Nêle, o príncipe misterioso. Entregaram-lhe a lâmpada. De repente, rápido como o pensamento, o bergantim desapareceu.

No palácio, o corpo da princesa, estendido sobre as almofadas, dormia para sempre. A garça desaparecera. O pagem transformara-se em dedal. Com êle, as aias bordavam a mortalha da defunta...

Longe, muito longe, uma linda mulher, de olhos azuis, de lábios como reflexos de papoila, de braços de luar, de passos como vôos de aves inquietas, sorria, enquanto a seus pés, de joelhos, um mancebo vindo de distantes paragens, lhe oferecia nas mãos erguidas uma lâmpada acêsa, cuja luz animava ainda mais a bela desconhecida. No cimo duma capelinha, um pequeno e prateado sino tangia. Uma garça branca, em vôo, desceu e pôs-se, desenhada, sobre o manto de brocado dessa mulher de olhos azuis e de lábios vermelhos de papoila...

F I M